

O estatuto científico da Museologia e sua relação com o Turismo pelos estudos de público de museus

DOI: 10.2436/20.8070.01.91

Luciana Ferreira da Costa

Doutora em História e Filosofia da Ciência pela Universidade de Évora, Portugal.

Professora da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

E-mail: lucianna.costa@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever as relações interdisciplinares entre a área da Museologia e a área do Turismo, através dos estudos de público de museus. Diante da evolução histórico-epistemológica da Museologia, enquanto disciplina científica e seu processo formativo-profissional, o artigo discute a atividade turística relacionada ao campo dos estudos de público de museus em observância à conexão realizada pelos museus entre o patrimônio cultural da humanidade e o seu público, especialmente, no caso, os visitantes turistas. Aborda, nessa conexão, novos paradigmas relacionados à cibercultura e à cultura de massa e sua influência sobre os espaços museológicos, a atividade turística, o patrimônio cultural e o seu conhecimento científico. Conclui que a realização dos estudos de público de museus de forma interdisciplinar entre a Museologia e o Turismo traz avanços não só para a ampliação do conhecimento sobre a formação profissional e para a pesquisa e o desenvolvimento destas áreas, contudo, para além, traz avanços sociais para preservação, valorização e reconhecimento da identidade, da memória social, da história e do patrimônio cultural da humanidade.

Palavras-chave: Museologia. Estudos de público de museus. Turismo. Patrimônio.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata, em primeiro momento, da evolução histórico-epistemológica da Museologia enquanto disciplina científica e seu processo formativo-profissional. Em segundo momento, diante do processo formativo-profissional da Museologia, trata da atividade turística relacionada ao campo dos estudos de público de museus, em observância à conexão realizada pelos museus entre o patrimônio cultural da

humanidade e o seu público, especialmente, no caso, os visitantes turistas.

Pretende-se, assim, contribuir para as relações interdisciplinares entre a área da Museologia e a área do Turismo, através dos estudos de público de museus, entre os meandros da cultura de massa, globalização e tecnologias da informação e comunicação na sociedade contemporânea da Era da Informação, assim denominada por Manuel Castells (2000).

Sobre o estatuto científico da Museologia, o artigo traz referências da investigação realizada em cooperação internacional no âmbito da Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia e Patrimônio (REDMUS) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil, e do Instituto de História Contemporânea - Grupo de Investigação Ciência, Estudos de História, Filosofia e Cultura Científica (IHC-CEHFCi) do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência com Especialidade em Museologia da Universidade de Évora (UÉvora), Portugal.

A REDMUS do PPGCI da UFPB foi criada em 2014, com o objetivo de promover a investigação/formação/divulgação científica sobre a área da Museologia e Patrimônio em perspectiva transcontinental, tendo como eixo transversal as múltiplas práticas (in)formacionais sobre espaços e saberes museológicos. Pela vinculação ao PPGCI da UFPB, ficam evidentes as relações disciplinares promovidas pela REDMUS envolvendo a área da Ciência da Informação, bem como outras áreas como História da Ciência e Turismo. A REDMUS mantém cooperação nacional com o Observatório Transdisciplinar de Pesquisas em Turismo (OTPT) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Brasil, além da cooperação internacional com a UÉvora (REDMUS, 2018).

O OTPT da UFAL, criado em 2011, tem como objetivo articular diferentes áreas em torno da temática do Turismo, contemplando inter-relações com a cultura, a hospitalidade, as transformações sociais, o desenvolvimento econômico, a política e o processo de comunicação. Promovendo investigações em cooperações nacionais e internacionais, o OTPT, considerando o caráter múltiplo de relações disciplinares a partir do Turismo, possibilita a compreensão dos mecanismos de construção e consolidação do fenômeno do Turismo, abrangendo sua produção e seu consumo na sociedade (OTPT, 2018).

Na cooperação da REDMUS do PPGCI da UFPB com o OTPT da UFAL, por sua vez, o artigo traz referências entre as áreas da Museologia e do Turismo, através de suas relações a partir dos estudos de público de museus e sua importância para a sociedade contemporânea, como campo de congruência fértil na aproximação entre as áreas.

Além desta Introdução, como primeira seção, o artigo está estruturado em mais cinco seções. A segunda se refere às demarcações iniciais da Museologia sobre a origem de suas definições e de museu. A terceira seção se refere ao papel do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) na trajetória teórico-prática da Museologia. A quarta seção traz o debate e a história da conformação da Museologia como disciplina científica, com especial atenção à formação na área em nível superior. Na quinta seção convergem os referenciais das seções anteriores sobre o estatuto científico da Museologia, colocando em destaque os estudos de público de museus e sua relação com o Turismo, seus conceitos, histórico, percepções de organismos internacionais, práticas desses estudos e suas contribuições. A atividade turística é colocada em destaque como promotora de um público visitante de museus em relação ao patrimônio cultural da humanidade. Por último, na sexta seção, apresentam-se as Considerações Finais do artigo.

2 MUSEOLOGIA: DEMARCAÇÕES INICIAIS

A área da Museologia se estabeleceu “a partir da prática profissional, com importantes interfaces com a História da Ciência e com a evolução do pensamento científico e da pesquisa, especialmente no âmbito da História Natural” (SCHEINER, 2015, p. 35).

A Museologia como área disciplinar, situada no limite entre as Ciências Humanas e Sociais, como História da Ciência, Educação, Comunicação, Ciência da Informação, Turismo, Hospitalidade, Patrimônio, e com outras áreas de conhecimento, é considerada por muitos uma área emergente, por outros uma área em construção e por tantos outros, até mesmo, uma área já consolidada. Muito ainda se discute acerca disso e não há consenso ou acordo a respeito, aliás, algo que também se estende ao seu “objeto de estudo”.

Segundo Lorente (2012, p. 11), “La museología es una disciplina científica que está en proceso de consolidación pero tiene ya bastante trayecto recorrido, pues los primeros tratados museológicos son prácticamente coetáneos al origen de los museos”.

Tanto que, no entendimento de Cerávolo (2004a), o termo museologia se vincula corriqueira ou vulgarmente ao museu pelo que a autora chama de “elo semântico intuitivo” que ocorre em virtude de uma raiz comum. Isso é visto por Cerávolo como o caminho que liga a museologia ao corpo de conhecimentos e atividades desenvolvidas no âmbito dos museus.

Para além de uma raiz comum, sem dúvida “museologia e museus têm caminhos entrelaçados, responsabilidades recíprocas e cumplicidade no que tange à função social” (BRUNO, 2006, p. 7).

A Museologia como disciplina de natureza aplicada é colaboradora da sociedade na “identificação de suas referências culturais, na visualização de procedimentos preservacionistas que as transformem em herança patrimonial e na implementação de processos comunicacionais que contribuam com a educação formal” (BRUNO, 2006, p. 7). Já o museu, por meio do cumprimento de três funções básicas (científica, educativa e social), dedica-se “à construção e à administração da memória, a partir de estudo, tratamento, guarda e extroversão dos indicadores culturais, materiais e imateriais (referências, fragmentos, expressões, vestígios, objetos, coleções, acervos)” (BRUNO, 2006, p. 7), o que reverbera na sua origem relacionada às galerias, aos antiquários e aos gabinetes de curiosidades.

As origens longínquas dos museus estão associadas ao fenômeno social do colecionismo, sendo os gabinetes renascentistas os marcos fundamentais do que foram os processos de consolidação ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX de alguns dos aspectos básicos do perfil dessas instituições, que se mantém até nossos dias (LOPES, 1997, p. 12).

Realmente a instituição museu é marcada por uma história complexa. Não obstante, é incontestavelmente uma instituição central da cultura. Dominique Poulot retrata o seu crescimento, sobretudo no século XX, assinalando que isto se deu devido aos investimentos públicos e privados que possibilitaram aos museus compor e recompor coleções, criar, modificar e renovar prédios, organizar inúmeras exposições e prestar novos serviços adequados às diferentes categorias de público. Essa chamada

“redefinição das concepções museais” requereu modificação das práticas na área profissional e, conseqüentemente, na área de conhecimento Museologia, embora esta tenha suas raízes na segunda metade do século XIX (POULOT, 2013).

Atribui-se que o termo museologia tem origem na Europa, precisamente na Alemanha e na França, sendo em alemão *Museologie*¹ e em francês *Muséologie*, ambos desenvolvidos em consonância com as transformações dos museus fortemente ocorridas a partir do século XIX. Contudo, o termo já estava disseminado na Europa no século XIX e, a partir de então, disseminado mundialmente (BRULON-SOARES; CARVALHO; CRUZ, 2014).

É importante sublinhar que há na literatura da área algumas diferenças quanto à exatidão temporal e documental de emprego do termo Museologia. Segundo Peter Van Mensch o termo aparece pela primeira vez na segunda metade do século XIX na obra *Praxis der Naturgeschichte* de autoria de Phillipp Leopold Martin, precisamente na segunda parte do livro, intitulada *Dermoplastik und Museology*, onde Museologia “is defined as the exhibition and preservation of collections of naturalia” (MENSCH, 1992, p. 9).

Segundo Waldisa Rússio o termo teria sido utilizado em uma publicação de J. G. Theodor Graesse entre os anos de 1878 e 1883. Rússio cita, ainda, um periódico do século XIX dedicado aos museus editado em Madrid, Espanha (CERÁVOLO, 2004b).

Na literatura se encontra referência também à utilização do termo *muséographie*² que, de sua significância como descrição dos conteúdos dos museus, chegou representar o *corpus* de conhecimento teórico e prático voltado aos museus (LORENTE, 2012).

Sobre isso Lorente (2012) assinala a existência de um vasto tesouro terminológico, acrescentando aos dois termos já referidos (museologia e museografia) a *museística* que, segundo o autor, faz referência, em língua espanhola, à teoria e à prática englobada por esta. Tratava-se de um substantivo derivado do termo museístas que se referia aos profissionais dos museus. Com o tempo este termo caiu em desuso.

Lorente reporta também o uso do termo *museomology* em inglês, esclarecendo seu raro emprego. O autor enfatiza a preferência por utilizar o termo *museum studies* do que o termo *museology* ou o já referido *museomology*, isto porque, na época consideravam o termo *museology* “demasiado filosófico” (LORENTE, 2012, p. 18).

Ao avançar-se para o século XX, reconhece-se que a área da Museologia, a sua variedade terminológica e a sua formação de sua base teórica têm origem em acontecimentos ocorridos no plano internacional e que parte da trajetória da área é marcada pela fundação, em novembro de 1946 em Paris, França, do ICOM, sob vinculação à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desde 1947 e, sobretudo, pela instauração do ICOFOM em 1977 (CERÁVOLO, 2004b).

¹ Conforme Lorente (2012) o termo foi documentado em alemão desde 1839 na obra *Aufbau der niederländischen Kunstgeschichte und Museologie* (Estrutura da história da arte e da museologia holandesa), mais tarde compondo outras obras.

² Ainda conforme Lorente (2012), o termo apareceu em 1727 na obra de Caspar Friedrich Neickel *Museografia oder Raritäten-Kammern* (Museografia ou orientação para a correta concepção e proveitoso estabelecimento dos museus ou gabinetes do mundo). O termo foi utilizado por ensaístas e consta do *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*, sendo mais tarde publicado em Paris em 1829, na obra *Muséographie, ou de l'utilité des musées et des collections*.

No entanto, Cerávolo chama a atenção ao dizer que a Museologia como área não está restrita ao ICOFOM dada à existência de outras associações³ que o antecederam, contudo “a abrangência internacional desse comitê, sob a égide do ICOM e da UNESCO, sugere a ultrapassagem de fronteiras geográficas” (CERÁVOLO, 2004b, p. 239).

O ICOM e o ICOFOM são considerados, portanto, essenciais para o conhecimento da trajetória da Museologia enquanto disciplina científica e, ao mesmo tempo, de como se deu a modelagem teórico-prática desta área.

3 O PAPEL DO ICOM E DO ICOFOM NA TRAJETÓRIA TEÓRICO-PRÁTICA DA MUSEOLOGIA

A criação do ICOM foi marcada por alguns fatos antecedentes que merecem ser destacados, ainda que de maneira panorâmica, os quais seguem descritos com base em Boylan (1996a), Mairesse (1998), Mensch (2004), Cruz (2008) e Lorente (2012):

- Profissionalização e institucionalização da museologia no final do século XIX e início do século XX, expressamente pelo surgimento dos periódicos dedicados às questões da museologia: *Revista de Arquivos, Bibliotecas e Museus* (1871)⁴ e o *Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde* (1878), pelo surgimento do ensino da museologia na *École du Louvre* (1882), pelo advento do primeiro código de ética para profissionais de museu que é alemão (1918) e pela fundação de associações profissionais como a *Museums Association* (1889) e a *American Association of Museum* (1906);

- Surgimento de outros periódicos, tais como o *Museums Journal* (1901) criado pela *Museums Association* na Inglaterra, o *Museumskunde: Zeitschrift für allgemeine Museologie und verwandte Wissenchaften* (1905) na Alemanha e o *Museum Work* nos Estados Unidos da América (EUA), (1919);

- Criação da Sociedade das Nações surgida com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e anos depois, no âmbito desta organização foi criado, em 1922, o Comitê Internacional de Cooperação Intelectual (CICI). Alguns anos depois, houve a criação, em 1926, do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI) pelo governo da França;

- Surgimento de proposta de criação de uma entidade dedicada exclusivamente aos museus no âmbito de reuniões de uma subcomissão do IICI, o que veio a se concretizar em 1926 com a criação do Escritório Internacional dos Museus (OIM), o qual tinha como finalidade estabelecer um vínculo entre todos os museus do mundo, promover a organização de intercâmbios e congressos, e, também, promover a unificação dos catálogos. “É a primeira tentativa de se criar uma entidade internacional que reunisse os museus e seus profissionais de todo o mundo” (CRUZ, 2008, p. 3);

³ A título de exemplo, a *Museums Association* criada em 1889 na Inglaterra e a *American Association of Museum* criada em 1906 nos Estados Unidos da América (BAGAHALI; BOYLAN; HERREMAN, 1998 *apud* CERÁVOLO, 2004b). Na atualidade, a *American Association of Museum* atende pela denominação de *American Alliance of Museums*.

⁴ Conforme Lorente (2012), a revista foi publicada até 1980, tendo sido substituída pelo *Boletín de la Federación Española de Asociaciones de Archiveros, Bibliotecarios, Arqueólogos, Museólogos y Documentalistas* (ANABAD) desde 1990. Informações detalhadas sobre a ANABAD, disponível em: <http://www.anabad.org/>.

- Publicação da revista *Mouseion* pela OIM, referência na Museologia, que vinculava artigos dedicados à prática da profissão;

- Publicação, em 1935, dos dois volumes do livro *Muséographie: architecture et aménagement des musées d'art*, também referência para a Museologia, no qual constam os trabalhos apresentados em congresso realizado em Madrid no período de 28 de outubro a 4 de novembro de 1934; e

- Encerramento das atividades da Sociedade das Nações e, conseqüentemente, dos organismos sob sua subordinação, como o OIM, devido ao acontecimento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que interferiu nas atividades. A revista *Mouseion* passou por cinco anos de interrupção (1941-1945), embora ainda tenha publicado um último número em 1946.

O percurso dos fatos expostos e a forçosa paralisação das atividades das organizações criadas, sobretudo a paralisação do IICI, acentuou a necessidade de continuação do trabalho cooperativo por parte dos países membros, o que ocorreu por meio da realização de reuniões nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial com o intuito de discutir a possibilidade de criação de uma nova organização semelhante ao IICI. Criou-se a Conferência dos Ministros Aliados de Educação (CAME) e, em substituição à Sociedade das Nações, foi criada, em junho de 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU). Meses depois, em novembro de 1946, instituiu-se a UNESCO (CRUZ, 2008).

Mais uma organização seria criada pelos países membros das referidas organizações recém-criadas e pelos membros da comissão integrantes da criação da UNESCO que liderados pelo presidente do comitê político da *American Association of Museum*, o norte-americano Chauncey J. Hamlin, decidiram por criar o ICOM (CRUZ, 2008).

O ICOM foi constituído em uma assembleia ocorrida no *Musée du Louvre* durante o período de 16 a 20 de novembro de 1946. Estavam presentes na assembleia constituinte, representantes da Austrália, da Bélgica, do Brasil⁵, do Canadá, da Checoslováquia, da Dinamarca, dos Estados Unidos, da França, da Nova Zelândia, da Noruega, dos Países Baixos, do Reino Unido, da Suécia e Suíça. Estiveram presentes, também, representantes da ONU, da UNESCO, do *International Museum Office*, do *French Foreign Office* e do *Swedish Legation*. Na ocasião, elegeu-se Chauncey J. Hamlin, então Diretor da *Buffalo Museum of Science*, para presidir o ICOM e se aprovou de forma unânime o seu estatuto, respectivamente, nos dias 16 e 18 de novembro (BOYLAN, 1996b).

Nesse contexto, o ICOM deveria “operate through a system of national and international committees and the first seven international committees were formally constituted, each covering different types of museums” (BOYLAN, 1996b, p. 47).

Uma das preocupações do ICOM era, segundo Boylan, elaborar uma definição de museu. Já Lorente (2012) sublinha que um dos grandes desafios da organização foi a constatação da crescente variedade terminológica em consonância com diferentes idiomas e contextos culturais, reforçada em razão da criação de outros órgãos como

⁵ O representante do país foi o museólogo Mário Antônio Barata (1921-2007), formado pela sétima turma do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN). Na época Barata trabalhava no Museu Nacional de Belas Artes. Lecionou no Curso de Museus. Realizou estudos na Universidade de Sorbone, com bolsa do governo francês. Coube, contudo, a Oswaldo Teixeira, então diretor do Museu Nacional de Belas Artes, a representação do Brasil junto ao Conselho Consultivo do ICOM. Teixeira presidiu o Comitê Nacional do ICOM (CRUZ, 2008).

associações, corpos funcionais, centros universitários que em suas atividades e publicações utilizavam diferentes terminologias. Mas, certamente, este não foi o único problema enfrentado pelo ICOM.

A primeira definição oficial de museu formulada pelo ICOM data de 1948. Conforme François Mairesse, a definição foi publicada no *ICOM News*⁶ e tinha o seguinte teor:

(...) todas as coleções abertas ao público de objetos artísticos, técnicos, científicos, históricos ou arqueológicos e (...) os zoológicos, jardins botânicos, mas se exclui as bibliotecas, a não ser que estas possuam salas de exposição permanente (MAIRESSE, 2005, p. 42).

Sob a gestão de Jan Jelinek, nomeado presidente da organização em 1971, procedeu-se a revisão das políticas do comitê e a elaboração de novos estatutos e regulamentos, o que culminou, por ocasião da Conferência Geral, realizada em 1974 em Copenhague, Dinamarca, na determinação de uma nova definição de museu.

Obviamente, ao longo dos anos a definição de museu passou por reformulações, por ampliações e também por condensação durante os eventos do ICOM. As definições elaboradas pelo ICOM “determinan los ejes teóricos en los que se basael museo hoy, y sirven de marco general al desarrollo de estas instituciones en otros países” com ressonâncias sobre “la política museística” (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 1992, p. 88-89).

Na atualidade, a definição mais amplamente conhecida data de 2007, aprovada durante a Assembleia Geral do ICOM realizada em Viena:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (ICOM, 2007a).

A definição de museu que vigorou por muito tempo enfatizava a função da pesquisa como vetor do museu. No entanto, esta função foi suprimida da definição em vigor por ser considerada uma das funções gerais do museu.

O museu foi até a década de 1970 o cerne das discussões no âmbito dos comitês do ICOM⁷, embora durante uma conferência desta organização realizada em 1965 já se pontuava a necessidade de desenvolvimento de uma teoria museológica (MENSCH, 1992). Foi neste ínterim que atentos ao “potencial da Museologia para articular-se como campo de conhecimento” que os especialistas Jan Jelinek, Wolfgang Klausewitz, Andreas Gröte, Irina Antonova, Vinos Sofka, dentre outros, julgaram necessário estabelecer um comitê dedicado essencialmente à Museologia, o qual tinha a finalidade precípua de “identificar o objeto de estudo desta disciplina, considerada por estes especialistas como uma área específica do conhecimento” (SCHEINER, 2000, p. 2).

⁶ Boletim publicado inicialmente nos idiomas inglês e francês. Além destes idiomas, desde 1968, passou a publicar também em espanhol (LORENTE, 2012). O *ICOM News* se encontra disponível em: <http://icom.museum/media/icom-news-magazine/>.

⁷ Atualmente, o ICOM conta com 30 comitês internacionais que reúnem *experts* nas especialidades da área da Museologia. A lista dos comitês está disponível em: <http://icom.museum/los-comites/comites-internacionales/L/1/>.

Diante disso, o comitê consultivo do ICOM recomendou formalmente, em 1976, a criação de um comitê dedicado exclusivamente ao estudo da Museologia como área de conhecimento. O teor da recomendação era:

Every branch of professional activity needs to be studied, developed and adapted to changing contemporary conditions – and not least that of museology. To pursue the aims of distributing knowledge of modern museological ideas and to help in different fields of museological development, will be the programme of the ICOM International Committee for Museology (SOFKA, 1995, p. 12)⁸.

Assim, em junho de 1976 nasceu o ICOFOM como um comitê do ICOM, oficializado em maio de 1977 durante a 12ª Assembleia Geral do ICOM realizada em Moscou na antiga União Soviética (SOFKA, 1981; MENSCH, 2004), ocasião em que o recém-criado comitê aderiu a um programa para o período de três anos, o “ICOM Triennial Programme for 1977-1980” (SOFKA, 1981, p. 67).

O tcheco Jan Jelinek⁹, a quem se deve a iniciativa de criação do ICOFOM e também a quem se atribui a fundação do Departamento de Museologia da Universidade de Brno na República Tcheca, elaborou o documento constitutivo do ICOFOM o qual dava ao comitê um caráter científico por ter a finalidade de se dedicar ao estudo da Museologia como disciplina científica. A missão do ICOFOM, portanto, era “desenvolver pesquisas, análises e debates, contribuindo para a independência da área” (CERÁVOLO, 2004a, p. 56).

A partir de então, com a criação do ICOFOM, uma pergunta passou a ser o mantra das discussões no âmbito das reuniões: “o que é Museologia”? Uma pergunta que, segundo Mensch, não era tão simples quanto se pensava. A mesma suscitava uma série de outras perguntas que revelavam questões a serem escrutinadas: qual a sua estrutura científica? Qual a relação entre essa estrutura e outros campos de pesquisa? A que áreas estariam relacionadas? Qual seria a identidade da profissão? (MENSCH, 1992).

En el ínterin, fueron muchas suspicacias contra este comité de teóricos, que empezaron por plantarse cuestiones epistemológicas, debatiendo si la museología era o no una ciencia, cosa que ni se planteaban por entonces muchos profesionales de museos, pues fundamentalmente seguían considerándose, en función de sus estudios superiores y de la especialidad de su respectivo museo, como arqueólogos, biólogos, historiadores, etcetera. Hubo muchas opiniones encontradas, desde quienes consideraban la museología una ciencia

⁸ A tradução em português do relato pessoal de Sofka *My adventurous life with ICOFOM, the Museology, museologists and anti-museologists, with special reference to the ICOFOM Study Series* consta de *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio* Unirio/MAST, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/517/494>.

⁹ Mensch (2004, p. 2) considera Jan Jelinek e Vinos Sofka como “two strong personalities have put their stamp upon this committee as successive chairmen: Jan Jelinek (1976-1983) and Vinos Sofka (1983-1989)”. Conforme notícia veiculada na *homepage* do ICOFOM, sob o título de *Two ICOFOM Giants*, informa-se que Sofka faleceu em 9 de fevereiro de 2016. Pouco tempo antes, em janeiro do mesmo ano, havia falecido Zbyněk Z. Stránský. Disponível em: <http://network.icom.museum/icofom>.

independiente, y los que la definían como ciencia aplicada, hasta los que le negaban estatuto científico (LORENTE, 2012, p. 61)

Os membros do ICOFOM, em sua maioria, decidiram por considerar a Museologia uma ciência nova, ou seja, em nascimento, que deveria se valer da teoria e da metodologia de áreas de conhecimento como as ciências humanas e sociais, a filosofia, e outras áreas afins (LORENTE, 2012).

Jelinek (1981) considerava isto aplicável a quaisquer outras ciências em nascimento, afirmando que a Museologia tem a sua própria estrutura e relação com outras áreas correlatas, que tem seu próprio objeto de estudo e métodos de pesquisa. Embora, Jelinek reconhecia que:

o estudo e a definição correta disto é certamente uma questão para exercícios futuros e de maior desenvolvimento da museologia. Novas áreas científicas não entram em existência pela proclamação ou declaração; elas se desenvolvem por meio de atividades que são reações às necessidades do desenvolvimento da sociedade (JELINEK, 1981, p. 69, tradução nossa).

Destarte o ICOFOM é reconhecido como o espaço mais importante de discussão e estudo sobre a Museologia, um marco para a sua formação e desenvolvimento, por perseguir o estabelecimento desta como disciplina científica, a fundamentação da profissão dos que atuam em museus e a definição do cenário da pesquisa científica no âmbito da área (POULOT, 2013). Cury elenca como objetivos do comitê, desde o seu advento e ao longo dos anos posteriores: a definição de Museologia; a constituição de um sistema de conhecimento museológico; o desenvolvimento do ensino da Museologia no âmbito universitário; e, o entendimento do diálogo da Museologia com outras áreas de conhecimento. Isto porque “a meta era configurar a Museologia como um campo independente” (CURY, 2005, p. 47).

Os referidos objetivos se constituíam mote das discussões dos diversos encontros científicos promovidos pelo ICOFOM e a produção teórica gerada no âmbito dos encontros passou a ser publicada nomeadamente no *Museological Working Papers (MuWoP)*¹⁰ e no *ICOFOM Study Series (ISS)*¹¹ (SOFKA, 1981), “com o interesse em imprimir cunho científico para a área, particularmente o *MuWoP* cujo objetivo foi o de procurar esclarecer o seu objeto de estudo” (CERÁVOLO, 2004a, p. 109).

O *MuWoP* e o *ISS* tinham como objetivo, por meio dos artigos veiculados, “instituir bases teóricas, de certo modo para conscientizar pelo debate, o comitê e seus participantes (além do ICOM) dos problemas que seriam específicos da Museologia, para que esta fosse abordada como ciência” (CERÁVOLO, 2004a, p. 109).

¹⁰ As duas edições do *MuWoP* se encontram disponíveis na homepage do ICOFOM. A edição de 1980 se encontra disponível em:

[http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%201%20\(1980\)%20ENG.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%201%20(1980)%20ENG.pdf). A edição de 1981 se encontra disponível em:

[http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20\(1981\)%20ENG.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20(1981)%20ENG.pdf).

¹¹ As edições do *ISS* (de nº 01/1983 a de nº 44/2016) se encontram disponíveis na homepage do ICOFOM, seção *Our Publications*, em: <http://network.icom.museum/icofom/publications/our-publications/>.

Na busca por moldar a teoria da área foram lançadas duas edições do *MuWoP* nos anos de 1980 e 1981 (sendo a edição de 1981 publicada em 1982). A partir de 1983 a produção derivada dos encontros científicos do ICOFOM passou a ser publicada no *ISS*, substituto do *MuWoP*. As publicações reuniam as “diferentes posições sobre os problemas museológicos fundamentais”. Tanto que a primeira edição da *MuWoP*, sob supervisão de Vinos Sofka, trouxe discussão sobre a “ideia de museologia como disciplina científica e ciência em formação” (CURY, 2005, p. 48) expondo a perspectiva de 15 especialistas, dentre eles André Desvallés, Zbynek Z. Stránsky, Ana Gregorová e outros. Na edição de 1983 do *ISS* foram publicadas as discussões em torno da “natureza do conhecimento museológico, os objetivos da museologia, a interdisciplinaridade como método de trabalho para a museologia e para a ação em museus” (CURY, 2005, p. 50).

Nesse percurso de discussão sobre a Museologia, merece destaque a elaboração do *Dictionnarium museologicum*. O *Dictionnarium museologicum*, inicialmente proposto em 1977 durante uma assembleia do ICOM, diz respeito a um trabalho cooperativo que contou com 44 especialistas de museus oriundos de 26 países, o qual durou nove anos para ser elaborado, enfim publicado em 1986 em Budapeste, Hungria (DESVALLÉS, 2000). O *Dictionnarium museologicum* constituiu-se como manual de padronização terminológica para a Museologia a ser seguido em todo o mundo, com vistas a contribuir para compreensão mútua entre os profissionais de museus dos mais diversos países (CURY, 2005; SCHEINER, 2008). Ressalte-se que a obra contou com as participações de Stránsky e da brasileira Waldisa Rússio na sua elaboração (CURY, 2005).

Nesse ínterim, ocorre a criação de subcomitês do ICOFOM nos continentes africano, europeu e norte-americano. No continente sul-americano foi implementado o Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe (ICOFOM LAM)¹² no âmbito do *International Council of Museums Latin America & Caribbean Alliance* (ICOM LAC¹³) (CURY, 2005).

A criação de um ICOFOM para a América Latina partiu da recomendação de Vinos Sofka durante um evento do ICOM, realizado em Haia em 1989. Já era algo previsto pelo Programa Trienal do ICOFOM 1990-1992. Assim, em janeiro de 1990, foi criado o ICOFOM LAM¹⁴ (DECAROLIS, 2000).

Nely Decarolis descreve que:

¹² O ICOFOM LAM tem como objetivo promover debates acerca de questões teóricas e conceituais da disciplina Museologia e seu objeto de estudo. Anualmente, o ICOFOM-LAM promove eventos em diversos países da América Latina e Caribe, desde 1992, mantendo debates e publicações simultâneos ao tema proposto pelo ICOM. No ano de 2016, o XXIV Encontro do ICOFOM LAM ocorreu no Brasil entre os dias 17 e 19 de outubro na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) que dentre outras discussões da área também debateu a relevância da Teoria Museológica na pesquisa desenvolvida na Pós-Graduação na atualidade. O encontro foi desenvolvido em parceria com o Departamento de Museologia da referida universidade, conforme disponível em: <http://www.musealidade2016.eventos.dype.com.br/apresentacao>.

¹³ No Brasil, funciona integrado ao ICOM LAC e ao Comitê de Países do Mercosul (ICOM SUR), o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM BR). Disponível em: <http://www.icom.org.br/>

¹⁴ As representantes latino-americanas do Conselho do ICOFOM, a brasileira Tereza Scheiner e a argentina Nelly Decarolis foram nomeadas para coordenar os trabalhos do ICOFOM LAM (DECAROLLIS, 2000).

(...) the aim of ICOFOM LAM was to promote, document and disseminate all kinds of research work on museological theory throughout Latin America and the Caribbean, allowing wide participation of our members in the activities of the Committee through discussions, publications and professional exchanges. The central focus is the production of papers on museum theory in the main languages of the region, Spanish and Portuguese, or English and French for certain Caribbean areas (DECAROLIS, 2000, p. 14).

Com conhecimento de causa, a autora comenta a trajetória da organização, reforça sua finalidade, comenta a criação de uma publicação (o boletim de notícias ICOFOM LAM *Bulletin*), a realização de eventos e, também, expõe as dificuldades enfrentadas pelo ICOFOM LAM. No entanto, Decarolis chama a atenção para o trabalho colaborativo desenvolvido pelos membros latino-americanos em prol do ICOFOM LAM, subcomitê que se reveste de reconhecida importância para o desenvolvimento da Museologia latino-americana (DECAROLIS, 2000).

Pode-se dizer que o ICOM, seus comitês e subcomitês especializados trouxeram as bases para a evolução da Museologia que prescinde de uma cronologia de acontecimentos que ocorreram e que marcam a história da área. No entanto, merecem reconhecimento também as instituições criadas mundo afora para promover o ensino em Museologia, o qual vem se ampliando e se aperfeiçoando e, também, para promover a circulação de ideias, modelos e práticas.

4 CONFORMAÇÃO DA MUSEOLOGIA COMO DISCIPLINA CIENTÍFICA

A Museologia, em termos de formação, é marcada pelas iniciativas pioneiras da *École du Louvre* em Paris na França e da *Pensylvânia Museum* da Filadélfia nos EUA que datam, respectivamente, de 1882 e 1908.

A formação oferecida pela *École du Louvre* e pelo *Pensylvânia Museum* era de estudos mais dedicados aos museus do que à Museologia, refletindo o ensino de uma Museologia Tradicional centrada no museu (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2006). A formação em Museologia “se basaba en la transmisión de conocimientos que se reducían a documentar la historia del museo y de sus colecciones y a enumerar sus funciones” (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 1998, p. 72).

Dedicada a formar futuros conservadores de museus, a *École du Louvre* mantinha em seu programa de formação, além de conteúdo relacionado ao funcionamento do museu, conteúdo relacionado à disciplina tradicional a exemplo de História da Arte (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 1992).

Mais tarde, o ensino e a investigação em Museologia foram institucionalizados pela Universidade de Masaryk em Brno (BRIGOLA, 2003, 2009), considerada segunda maior universidade pública na República Tcheca, com fundação em 28 de janeiro de 1919 onde, em 1963, no âmbito do Departamento de Filosofia (Faculdade de Artes e Letras) (Brandão, 1993), foi criado o Departamento de Museologia sob iniciativa de Jan Jelinek. A partir de então, estabeleceu-se a formação em Museologia no âmbito universitário no pós-guerra europeu (MAROEVIĆ, 1998).

O recém-criado Departamento de Museologia trouxe em seu bojo a convicção de que “a imposição da Museologia como disciplina científica tem uma importância fundamental não apenas na afirmação do papel dos Museus na sociedade

contemporânea, como também como factor condicionante do seu próprio futuro” (BRANDÃO, 1993, p. 1).

Cumprido sublinhar que, antecedendo e muito a criação do Departamento de Museologia, já existia na Universidade de Brno, desde 1921, uma cátedra em Museologia, sob a idealização de Jaroslav Elfert, na época diretor do *Moravian Museum*, para a formação de pessoal técnico atuante nos museus checos e eslovacos (MAROEVIĆ, 1998).

No continente americano os primeiros cursos de Museologia remontam o ano de 1923 promovidos pelo *Fogg Art Museum* em Harvard, EUA. Com o passar do tempo outros cursos foram organizados e oferecidos pela *American Association of Museum*. Também ofereciam cursos em Museologia universidades e institutos, dentre eles o *Smithsonian Institution*. A *American Association of Museum* vem trabalhando, desde 1973, incontestemente no estabelecimento de um programa de diretrizes para a formação em Museologia, considerando a oferta de formação por universidades autorizadas em colaboração com museus também autorizados; programas com disciplinas científicas fundamentais; inserção da teoria no trabalho prático em museus; e obrigatoriedade de estágio no seio dos museus com supervisão (MAROEVIĆ, 1998).

Tereza Scheiner acrescenta às experiências formativas da *École du Louvre*, *Pensylvânia Museum*, *Fogg Art Museum* de Harvard, Universidade de Masaryk em Brno já citadas, a experiência pioneira do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN) criado em 1932 no Rio de Janeiro, Brasil. Segundo a autora, “a partir dessas experiências, a Museologia torna-se gradualmente reconhecida como um campo do conhecimento, com identidade própria - e evolui em direção à estrutura interdisciplinar” (SCHEINER, 2015, p. 40).

No que diz respeito à Inglaterra, os cursos em Museologia organizados pela *British Museum Association* (BMA), datam de 1932. Desde então, o *British Museum* promove cursos como trabalho de formação curricular por um período de dois ou três anos, com supervisão do *staff* do museu. Ao término do curso deve ser apresentado um trabalho de conclusão, o qual é minuciosamente examinado (MAROEVIĆ, 1998).

Ainda no âmbito da Inglaterra, Maroević pontua um grande desenvolvimento para a formação em Museologia com a criação, em 1966, do *Department of Museum Studies* na Universidade de Leicester. O autor ainda se reporta ao curso da *Bradford Museum Training Institute*, criado em 1989. Na visão de Maroević, um curso de nível elevado em termos profissionais, já que “it organizes all kinds of professional qualification procedures for work in museum of all types” (MAROEVIĆ, 1998, p. 94).

Em Portugal, o início da formação em Museologia remonta o ano de 1932 com a criação do nomeado Estágio de Conservador de Museu. Após 21 anos de sua criação, o Estágio de Conservador de Museu passou por reformulação, sendo então substituído por um Curso de Conservador de Museu, em 1953, com origem no Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia. O referido curso foi oficializado em 1965¹⁵. A vertente do curso era estritamente profissionalizante, contudo, “tinha o nível de ensino pós-graduado – visto a sua frequência exigir dos candidatos a posse de uma licenciatura ou diploma de uma Escola Superior de Belas Artes – sem, contudo, ter carácter universitário”, pois o curso não funcionava em uma instituição universitária e sim sob a responsabilidade do Museu Nacional de Arte Antiga (GIL, 2010, p. 163). Face à consideração de que o curso não estava mais satisfazendo as demandas de formação para o quadro superior de museus e a contestação do próprio alunado reivindicando a

¹⁵ Decreto-Lei 46.758 de 18 de dezembro de 1965.

reformulação do mesmo, o Curso de Conservador de Museu foi extinto em 1974. Ao longo dos anos a Associação Portuguesa de Museologia (APOM) e o Instituto Português do Patrimônio Cultural (IPPC) apresentaram propostas de criação de um novo curso, desta vez integrado ao âmbito universitário. No entanto, encontra-se na literatura que a entrada da Museologia no âmbito universitário tenha ocorrido ainda na década de 1970 pela “introdução do ensino dessa disciplina na licenciatura de Ciências Antropológicas e Etnológicas do antigo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina”. Iniciativa seguida mais tarde pela Universidade de Lisboa que incluiu a Museologia na licenciatura em Antropologia (GIL, 2010, p. 164).

Na Croácia a Museologia consta do currículo da Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb, mais especificamente nos cursos de História da Arte e Arqueologia, desde 1946. A formação pós-graduada teve lugar nesta universidade em 1966 no âmbito do *Centre for the Study of Librarianship and Information and Documentation Sciences*. O desenvolvimento do curso foi amparado com a criação da cátedra de Museologia no Departamento de Ciência da Informação na Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb. Atribui-se a Ivo Maroevic a fundação e a organização do curso de Museologia como parte das Ciências da Informação (MAROEVIĆ, 1998).

Na Holanda, data de 1976 a fundação da *Reinwardt Academie* que se tornou, no continente europeu, a mais importante instituição de formação e de investigação em Museologia, considerada “a nucleos of the scientific study of museology” (MAROEVIĆ, 1998, p. 95).

A Museologia como campo de estudos no ensino superior é considerada como recente em relação a outras áreas mais tradicionais, encontrando-se ainda em processo de construção, contudo com o seu estatuto científico já reconhecido (VAQUINHAS, 2013). No contexto do movimento formativo, João Brigola, tomando como base a afirmação do reconhecido museólogo Tomislav Sola, também assevera:

Acho que é indiscutível que a partir do momento em que a Museologia passou a ser matéria ensinada a nível universitário, estamos a dar razão ao museólogo croata Tomislav Sola, convidado nos anos 90 para, em Umea, na Suécia, dar uma conferência sobre a oportunidade de as universidades ensinarem museologia. Ele afirmava: “pouco me importa se a museologia é uma ciência ou não é, o que me interessa é que a partir do momento em que ela é ensinada na universidade passa a deter um estatuto científico” (BRIGOLA, 2013, on-line).

A natureza da Museologia como “ciência ou apenas como prática do trabalho em museus” foi debatida no âmbito do ICOFOM do ICOM no início da década de 1980, por autores de diversos países¹⁶, no momento em que o ICOM discutia a estruturação da Museologia. Mesmo após anos desde o início das discussões sobre a natureza da área, a questão ainda é presente, sobretudo, na literatura gerada no âmbito de instituições

¹⁶ Um deles foi o reconhecido Zbynek Zbyslav Stránský (1926-2016) que na época era Diretor do Departamento de Museologia do Museu da Morávia e Diretor do Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia da *Univerzita Jana Evangelisty Purkyně*, Brno, Tchécoslováquia. Os autores expressavam suas considerações acerca da questão em artigos publicados no *Museological Working Papers (MuWoP)/Documents de Travail en Muséologie* (Dotram) (CURY, 2014).

acadêmicas voltadas aos estudos dos museus ao longo de décadas na Europa, nos Estados Unidos e, também, no Brasil.

Valente, ao focar a história dos museus e ao acompanhar o movimento de fortalecimento da área da Museologia, concluiu que, na atualidade, o museu conquistou papel de destaque e já vinha sendo objeto de estudo no âmbito de pesquisas acadêmicas desenvolvidas em diferentes áreas (VALENTE, 2014). Lopes e Murriello, antecedendo Valente, já apontavam o museu como objeto de investigação em várias áreas disciplinares e o reconhecimento da Museologia “como área de reflexão teórica e ação prática – essencialmente interdisciplinar –, (que) já está consolidada não só no Brasil, mas, também, com diferentes trajetórias em diversos outros países latino-americanos” (LOPES; MURRIELLO, 2005, p. 14) como Colômbia, Argentina, México (com ampla tradição) e Equador¹⁷.

5 OS ESTUDOS DE PÚBLICO DE MUSEUS E O TURISMO

Numa perspectiva prático-epistemológica, diante da natureza interdisciplinar do estatuto científico da Museologia, diversas teorias, metodologias e estudos desenvolvidos pela própria Museologia no decorrer de sua história da ciência e de diversas áreas e disciplinas preocupadas com a compreensão do museu e sua inserção e responsabilidade na sociedade vêm compondo o currículo da formação tanto em nível de graduação, quanto de pós-graduação, bem como vêm sendo utilizadas nas práticas profissionais das próprias instituições museológicas. Podemos destacar as áreas: Museologia e Museografia; Preservação e Conservação; Antropologia; História; Artes; Comunicação; Educação; Paleontologia; Geologia; dentre outras não menos importantes.

Considerando os conhecimentos das áreas citadas contributivos para as mais diversas compreensões de museu como ambiente de socialização, de educação, de comunicação e de cultura, que possibilita interação social, vivências afetivas, sensoriais, intuitivas e cognitivas, destaca-se que o campo científico da Museologia compreende o museu como seu objeto de estudo enquanto responsável pela interação entre o patrimônio cultural e o público.

Daí, para a Museologia, o conhecimento deste diálogo ou relação público-museu é uma tarefa dos denominados estudos de público de museus, ou, pelo anglicismo, *visitors studies* (estudos de visitantes), os quais tomaram corpo no início do século XX, com surgimento nos Estados Unidos. No Brasil, também no início do referido século, o Museu Nacional já registrava a presença de notáveis figuras em um Livro de Ouro e no Livro dos visitantes através do registro da quantidade de visitas (KÖPTCHE, 2010).

Os estudos de público de museus são investigações ou diagnósticos interessados na identificação de quem visita e de quem não visita os museus, de modo a caracterizar e compreender seus perfis, as razões das visitas ou não visitas, as experiências ou expectativas dos visitantes e não visitantes (como potenciais visitantes), e as barreiras encontradas nas visitas aos museus ou aquelas responsáveis pela não visita aos museus. Acerca das barreiras entre público-museu (e não público), a bibliografia de tais estudos relacionam principalmente os seguintes itens: local/transporte; acesso cultural; acesso intelectual; acesso emotivo/afetivo; acesso físico/sensorial; acesso a decisões; e acesso à

¹⁷ Reconhece-se, sobretudo, que na América Latina os Museus Nacionais se confundem com os Museus de História Natural, como mostra estudo de Lopes (1997) sobre o Brasil, quando aponta tais museus como espaços privilegiados para a pesquisa da História das Ciências.

informação, especialmente sobre as atividades dos museus; influência de amigos e familiares; e apelo tecnológico (DUARTE CÂNDIDO, 2014).

Sobre os estudos de público de museus e suas barreiras, menciona-se a clássica obra de Pierre Bourdieu e Alan Darbel intitulada *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*, originalmente publicada em francês no ano de 1966, a qual apresenta uma investigação realizada por meio da aplicação de questionário com milhares de visitantes dos museus europeus (França, Espanha, Grécia, Itália, Holanda e Polônia). Trata-se de um estudo de público de museus com a finalidade de saber o porquê alguns visitantes possuem uma matriz cultural que possibilita uma museofilia e outros não, desprovidos dessa oportunidade sem saber compreender ou ler os museus de arte na Europa (BOURDIEU; DARBEL, 2007). Para Duarte Cândido (2014, p. 101), este estudo é considerado pioneiro e “trouxo questões fundamentais como ao colocar em primeiro plano as condições sociais do acesso à prática cultural e, mais especificamente, a relação entre frequência em museus e nível de instrução”.

Além da obra de Pierre Bourdieu e Alan Darbel, Araújo faz uma síntese da evolução dos estudos de público de museus, denominando-os de “estudos empíricos de visitantes”, pelo anglicismo da sua tradução:

Os primeiros estudos empíricos de visitantes foram realizados no começo do século XX por Galton, que seguia os visitantes pelos corredores dos museus, e por Gilman, que estudou a fadiga e os problemas de ordem física na concepção de exposições [...]. Na década de 1940, proliferaram estudos sobre os impactos nas exposições junto aos visitantes, realizados por autores como Cummings, Derryberry e Melton. Outros estudos, conduzidos por autores como Rea e Powell na mesma época, tiveram como objetivo traçar perfis sociodemográficos dos visitantes e mapear seus hábitos culturais [...]. Na década de 1960, Shettel e Screven inauguraram uma nova perspectiva com as medidas de aprendizagem. Nas décadas seguintes, desenvolveram-se abordagens de base cognitivista (Eason, Friedman, Borun) e de natureza construtivista – como o modelo tridimensional de Loomis, a teoria dos filtros de McManus, o modelo sociocognitivo de Uzzell, a abordagem comunicacional de Hooper-Greenhill e o modelo contextual de Falk e Dierking (ARAÚJO, 2013, p. 16).

Da prática comum dos museus à incorporação como uma das disciplinas da Museologia, os estudos de público de museus se tornaram importantes saberes no trato da relação público-museu tanto para o planejamento, a gestão e a avaliação das atividades dos museus, quanto para a investigação científica e formação em Museologia.

Dessa forma, os estudos de público de museus podem ser de cunho avaliativo e investigativo. Os do tipo avaliativo correspondem às partes que integram processos de exposições e atividades de natureza educativa e cultural. Já os estudos de público investigativos são estudos de cunho teórico e acadêmico que se dedicam a conhecer o público visitante e o não visitante, seu perfil, seu comportamento, seus aspectos afetivos, cognitivos, motivacionais, dentre outros (STUDART, 2000; STUDART; ALMEIDA; VALENTE, 2003).

Pautando-se em Duarte Cândido (2014), os estudos de público de museus também podem ser de cunho qualitativo e/ou quantitativo. Os estudos de natureza

qualitativa se baseiam na identificação de respostas quanto à experiência do visitante dos museus e os porquês dos não visitantes, enquanto os estudos de natureza quantitativa se baseiam em informações estatísticas especialmente sobre o perfil dos visitantes e não visitantes. As metodologias para os estudos de público de museus podem ser das mais variadas, a depender do seu objetivo, utilizando-se de questionários e entrevistas nos espaços dos museus, grupos focais, questionários enviados pela *Internet*, livros de sugestões, painéis de comentários, dentre outras.

É importante ressaltar que segundo consta da obra intitulada *Conceitos-chave de Museologia*, público significa “o conjunto de usuários do museu (público dos museus), mas também, por extrapolação, a partir do seu fim público, o conjunto da população à qual cada estabelecimento se dirige” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 87). Na compreensão de Desvallées e Mairesse, o conceito de público é central nas definições contemporâneas de museu. Assim, é notória a utilização de outros termos derivados ou associados à noção de público, tais como: usuário de museu, povo, população, grande público, público específico, público numeroso, não público, público distante ou impedido, público com deficiência, visitante, não visitante, observadores, espectadores, consumidores, audiência, frequentador (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Pelo exposto, observa-se um grande espectro de denominações sobre público de museus, a exemplo de usuário e consumidor, visitante e não visitante ou público e não público, dentre outros, o que possibilita também a inclusão da díade da categorização de visitantes autóctones ou locais e visitantes turistas.

Na Europa, tem-se o registro de visitas a museus de Portugal por viajantes estrangeiros ao longo dos séculos XVIII e XIX no livro *Os viajantes e o 'livros dos museus'* (BRIGOLA, 2010), uma fonte histórica sobre um estudo de públicos de museus na perspectiva dos considerados primeiros “turistas” de Portugal no início da idade contemporânea.

Dáí os estudos de público de museus se debruçarem desde o surgimento do Turismo no final do século XVIII e início do século XIX, com a revolução industrial e o desenvolvimento dos novos aspectos socioculturais de consumo, tempo livre e lazer, a este novo tipo de público viajante: os turistas.

Com a cultura de massa e a globalização, atualmente o Turismo é considerado a terceira maior atividade econômica mundial. O Turismo nasce na esteira da evolução das migrações, dos transportes, da hospitalidade, que inclui os meios de hospedagem, e, principalmente, da economia capitalista. Diante de suas demandas contemporâneas, o Turismo configura-se como prática e produto de uma atividade econômica, bem como formação para pesquisa e desenvolvimento profissional enquanto campo de saber, área científica.

A Organização Mundial de Turismo (OMT), criada em 1975 e sediada em Madrid, Espanha, é uma agência de operações especializada da ONU que considera o Turismo como todas as atividades que as pessoas, denominadas turistas, realizam durante suas viagens e permanência em lugares diferentes dos que vivem, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios e outros (saúde, religião, visitas a familiares e amigos). Cabe ainda ressaltar que os turistas são considerados aqueles viajantes que pernoitam em suas viagens, diferente dos excursionistas, considerados aqueles viajantes que visitam uma localidade em um dia (OMT, 2001).

Enquanto campo do saber, para Beni e Moesch (2016), o Turismo é uma ciência que estuda o fenômeno de deslocamento de repercussões globais e todas as suas interações socioculturais, políticas e econômicas que derivam do comportamento do

“consumidor–turista” com as comunidades dos destinos turísticos, tendo como epicentro do fenômeno estudado o caráter humano, pois são os turistas que se deslocam e não mercadorias.

Desde a criação dos museus e surgimento da atividade turística, com a evolução de seus estudos enquanto áreas formativas e científicas, as relações entre os museus e o Turismo vêm contribuindo para o reconhecimento mútuo entre as culturas e para o respeito à diversidade cultural, promovendo experiências de aprendizagem, conhecimento e lazer. Da sua parte, o museu vem possibilitando a interação entre o patrimônio cultural, através do acesso e uso dos bens e equipamentos culturais ou espaços de memória, e o público turista.

A “Carta de Princípios para Museus e Turismo Cultural”, formulada pelo ICOM durante uma conferência na Bolívia e no Peru no ano de 2000, destaca em seu texto justamente a interação entre o patrimônio cultural e seus visitantes, especificando o público turista:

O patrimônio cultural não pode se tornar um produto de consumo nem sua relação com o visitante pode ser superficial. Se o turista conseguir identificar-se com o patrimônio, poderá valorizar e preservar a importância e, portanto, tornar-se um aliado dos museus. [...] No que diz respeito ao turismo cultural, os museus devem incentivar a participação ativa das comunidades locais no planejamento da gestão do patrimônio e das operações dos locais turísticos. [...] Os museus devem incentivar as comunidades a administrar seu patrimônio cultural, para o qual devem incentivar um treinamento adequado. [...] É importante planejar passeios usando programas temporários que são restritos para satisfazer os períodos de lazer dos habitantes locais e oferecer alternativas para turistas estrangeiros. Os museus e o turismo cultural devem incentivar a interação entre os visitantes em um quadro de respeito aos valores e à hospitalidade oferecida (ICOM, 2007b, online, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o então Secretário Geral do ICOM, Manus Brinkman, declarou que o Turismo tem uma vantagem complexa: se existem milhares de museus para as pessoas e a elas se dirigem, são necessários turistas para visitá-los, não apenas por motivos econômicos, contudo, também para lhes transmitir conhecimentos sobre as sociedades e a história e, assim, surpreendê-los (BRINKMAN, 2000).

Os museus, que existem em todo o mundo, afetam os seus visitantes principalmente nas regiões de destinos turísticos. Isso dá aos museus uma forte chance de ter sucesso em seus esforços educacionais para substituir ideias ultrapassadas sobre cultura, gestão e desenvolvimento sustentável. Sendo assim, para o ICOM (2007), os museus devem ser cada vez mais integrados aos conceitos de Turismo, para garantir que eles tenham influência sobre agentes econômicos e governos nos processos de planejamento comunitário, público e empresarial de suas atividades.

Scheiner (2017) e Gonçalves (2017) ressaltam as ressonâncias das estratégias mundiais no campo do patrimônio cultural e dos museus sobre a atividade turística, partindo da noção que existem paradigmas a serem explorados aos quais os museus não podem permanecer indiferentes.

Nisso cabem os estudos de público de museus referentes aos turistas. Quando realizados e utilizados pelas mais diversas instituições e foros da sociedade, esses estudos se demonstram importantes e necessários tanto para criação e acompanhamento

de políticas públicas nos campos da Educação, Cultura e Economia, quanto para planejamento, gestão e avaliação dos museus e da própria atividade turística. A realização de tais estudos de forma interdisciplinar entre a Museologia e o Turismo também traz avanços não só para a ampliação do conhecimento sobre a formação profissional e para a pesquisa e o desenvolvimento dessas áreas, contudo, para além, traz avanços sociais para preservação, valorização e reconhecimento da identidade, da memória social, da história e do patrimônio cultural da humanidade.

A relação público-museu contempla diversas questões “desde os diversos tipos de museus até os diferentes públicos, estes desdobrados segundo gênero, idade, formação e procedência, entre outros” (VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005, p. 184).

Costa e Brigola (2014), em seu estudo de público de museu acerca do Turismo, consideram que os estudos de público de museus têm sido realizados com frequência e interesse crescente, pois averiguam questões como: o perfil do visitante, seus gostos, suas preferências culturais, sua opinião sobre a experiência vivida no museu, o impacto cognitivo no visitante, o impacto econômico das grandes exposições que atraem grande número de visitantes de outras regiões, além da frequência e fidelização do público. Para os autores, a Museologia aliada ao Turismo, com o aporte prático-epistemológico das áreas da Comunicação Social, Ciência da Informação e Documentação, Psicologia, História, dentre outras, tornam significativamente contributivos os estudos de público de museus nas suas concepções interdisciplinares.

Mais recentemente, os estudos de público de museus referentes ao público turista têm esbarrado em novas fronteiras e paradigmas, diante da Era da Informação, que trouxe consigo a cibercultura.

Para Lemos, a cibercultura “tem suas raízes no surgimento dos meios de comunicação de massa, mas ganha contornos definidos na atualidade com o computador pessoal, a micro-eletrônica de massa e as redes telemáticas” (LEMOS, 2002, p. 282-283).

A cibercultura, portanto, é a cultura identitária do real ao virtual, é a cultura da hiperconectividade, da interação em rede, da digitalização, dos novos suportes de navegação *on-line* e da virtualidade, promotora das mais diversas e complexas redes de informação e comunicação, via tecnologias de informação e comunicação ou por elas influenciadas (COSTA, 2008).

Não à toa, “Museus hiperconectados: novas abordagens, novos públicos” foi o último tema definido pelo ICOM, e adotado no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), para celebrar o Dia Internacional de Museus em 18 de maio de 2018.

No caso de museus estabelecidos no meio físico, a virtualidade se configura como instrumento que, dentre outras inúmeras possibilidades (marketing, interação com outras instituições, etc.), pode colaborar para que o turista se planeje previamente para uma visita presencial na concretização de sua viagem. É fato que, no caso deste tipo de museu, o intuito da virtualidade não é substituir a visita presencial, mas uma forma de fazer com que o museu desempenhe a sua função social levando o consumo cultural para o espaço da cibercultura.

Diferentemente do museu tradicional (estruturado a partir da existência de edifício, coleção e público), o museu virtual é caracterizado pela inexistência da materialidade, desprovido de público (no significado literal da palavra), mas sim provido da presença do visitante individual. O museu virtual é, portanto, uma criação no contexto da cibernética (SCHEINER, 1998).

Além do termo museu virtual, é comum encontrarmos na literatura outros termos e tipologias que refletem a presença dos museus no ambiente digital ou da cibercultura:

Cibermuseu; Webmuseum; Museu digital; Museu virtual; Museu Online; Museu Eletrônico; Hipermuseu (MAGALDI, 2010). No entendimento de Loureiro, estas nomenclaturas representam a noção de “centralidade da informação, e não mais a materialidade dos lugares e dos objetos físicos, traço que acompanhou o fenômeno museu desde suas origens, sem grandes abalos” (LOUREIRO, 2003).

Diante da cibercultura, advém tanto a demanda por museus virtuais quanto pelo Turismo virtual, por sua vez pautado no deslocamento de viajantes no ciberespaço e nas suas experiências virtuais. Este novo tipo de Turismo possibilita às pessoas de várias classes sociais conhecerem locais e visitarem museus sem restrições financeiras ou de tempo como para viajar fisicamente, considerando-se a experiência de sensações diferentes e inovadoras. Para Dewailly (1999), a realidade virtual está se tornando mais importante no mundo do Turismo, ou, como pode ser denominada essa experiência, ciberturismo, tanto como uma ferramenta para a sua promoção, bem como um destino turístico em si. Esta realidade vem promovendo cada vez mais o Turismo em vez de desencorajá-lo. Contudo, tal realidade a princípio leva a um Turismo duplo, deixando o "rico" com a realidade física - cada vez mais cara em termos de tempo e dinheiro, mas também mais gratificante - e os "pobres" com uma realidade virtual facilmente acessível e reproduzível, mas que pode não fornecer um sentido completo do lugar. Há, entretanto, um otimismo futuro com o avanço das tecnologias da informação e comunicação e o interesse dos equipamentos turísticos responsáveis pelos bens culturais e seus tomadores de decisão, como, no caso, os museus. É provável que a experiência turística se torne cada vez mais uma mistura de realidade física e realidade virtual, satisfazendo assim de forma mais adequada às exigências da sustentabilidade para todos.

Desse modo, o Turismo virtual se torna mais uma forma de se conhecer e educar sobre o patrimônio cultural. O futuro de Dewailly sobre a mistura de realidade física e realidade virtual na experiência turística vem se desenvolvendo na velocidade da evolução tecnológica. Não à toa vivenciamos uma época de grandes investimentos por parte dos museus em digitalização de suas coleções e exposições, divulgações em *blogs* e outras ferramentas digitais, com cada vez mais acuidade com seus *websites*, tornando-os mais acessíveis, ergonômicos e informativos, incluindo réplicas virtuais dos museus e objetos reais, utilizando-se da disponibilização de fotografias a hologramas, além da ampla utilização de redes sociais na comunicação com seus diversos públicos (TAVIRA, 2014).

Assim, dos museus tradicionais aos mais recentes virtuais, novos paradigmas vêm se desenrolando sobre os estudos de público de museus referentes ao Turismo, através de diversos estudos convertidos em práticas exitosas: estudos de usabilidade; estudos de ergonomia cognitiva; estudos de acessibilidade virtual; estudos de *design*; estudos de satisfação; estudos estatísticos de acesso tanto presencial quanto virtual; estudos sobre a influência das visitas virtuais em futuras visitas presenciais aos museus; dentre outros, mas sem nunca deixar de lado a relação promovida pelos museus entre o patrimônio cultural e seu público.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso histórico-epistemológico delineado neste artigo reflete que a formação em Museologia se encontra institucionalizada, seguindo o desenvolvimento da mesma como disciplina científica e, também, o seu reconhecimento como uma profissão, nos mais diversos lugares do mundo. A diferença atual reside no objetivo e no

formato de oferta de cursos, pois há oferta de formação marcadamente profissionalizante (formação de base), há oferta de formação especializada e, também, a que oportuniza formação em nível de mestrado e doutorado (MAROEVIĆ, 1998).

Dentre as diversas áreas científicas e disciplinas relacionadas à pesquisa e ao desenvolvimento dos museus, verifica-se que os estudos de público de museus se tornaram importantes saberes no trato da relação público-museu tanto para atividades de gestão dos museus, quanto para formação e pesquisa no campo científico da Museologia.

Em pesquisa recente sobre a produção científica e as temáticas publicadas pelos pesquisadores em Museologia do Brasil no século XXI, Costa (2017) identificou os estudos de público de museus como uma das 18 temáticas mais publicadas, de interesse para a formação, a pesquisa e o desenvolvimento da área.

Numa relação da produção científica analisada por Costa (2017) com o Quadro Geral da Disciplina Museológica, delineado no âmbito do Encontro Internacional do ICOFOM/ICOM na década de 1980, sobre um sistema da Museologia aportado em historicidade, aspectos práticos dos museus e no diálogo da área com outras disciplinas, fruto dos debates e discussões intensificados desde então, encontra-se a proposta de classificação da Museologia em: Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada (CURY, 2014; DUARTE CÂNDIDO, 2014).

Nessa perspectiva, os estudos de público de museus se enquadram na Museologia Aplicada do Quadro Geral da Disciplina Museológica do ICOFOM/ICOM (COSTA, 2017).

Vale ressaltar, que, na atualidade, segundo Cury, o Quadro Geral da Disciplina Museológica ainda se mantém inalterado em termos estruturais, contudo o seu detalhamento vem sofrendo adequação por parte de alguns estudiosos da área, porém a autora, por seu turno, alerta que os estudos para adequações não foram publicados até o momento (CURY, 2014).

Como uma das 18 temáticas mais publicadas no Brasil, Costa (2017) considera os estudos de público de museus uma das tendências centrais da Museologia do século XXI, que perpassam, segundo Mensch e Mensch (2011), por temas como: as coleções na sua relação com as exigências da contemporaneidade; a aprendizagem e a função da experiência em contexto museológico; estratégias de participação, grande questão do século XXI, como vetor de inclusão e de responsabilidade social; avaliação da atuação e da performance dos museus; relação integrada dos museus e do patrimônio; e, por fim, as questões éticas dos museus.

Desde o final do século XVIII e início do século XIX, os museus têm se preocupado com um novo tipo de público: os turistas. Com o advento do Turismo e a cultura de massa, surgiram a preocupação e as estratégias mundiais no campo do patrimônio cultural e dos museus sobre a atividade turística, partindo da noção que existem paradigmas a serem explorados aos quais os museus não podem permanecer indiferentes, como, no caso, a evolução dos estudos de público de museus referentes aos turistas.

Dessa forma, como ressaltado neste artigo, quando realizados e utilizados pelas instituições museológicas, os estudos de público de museus voltados aos turistas se demonstram importantes e necessários tanto para criação e acompanhamento de políticas públicas nos campos da Educação, Cultura e Economia, quanto para planejamento, gestão e avaliação dos museus e da própria atividade turística.

E o que dizer da relação entre a Museologia e o Turismo na Era da Informação com a revolução das tecnologias da informação e comunicação? Um espaço aberto

sobre o futuro que se inicia no século XXI que pode contar com os estudos de público de museus voltados aos turistas para a compreensão dos novos paradigmas da cibercultura e a cultura de massa e sua influência sobre os espaços museológicos, a atividade turística, o patrimônio cultural e o seu conhecimento científico.

Conclui-se, assim, que a realização dos estudos de público de museus de forma interdisciplinar entre a Museologia e o Turismo traz avanços não só para a ampliação do conhecimento sobre a formação profissional e para a pesquisa e o desenvolvimento destas áreas, contudo, para além, traz avanços sociais para preservação, valorização e reconhecimento da identidade, da memória social, da história e do patrimônio cultural da humanidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Museologia e Ciência da Informação: diálogos possíveis. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 4, p. 10-27, 2013.

BENI, Mário Carlos; MOESCH, Marutscka. Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, Aveiro, n. 25, p. 9-30, 2016.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOYLAN, Patrick J. La préhistoire de l'ICOM. **Nouvelles de l'ICOM**, v. 49, n. 1, p. 4-5, 1996a.

BOYLAN, Patrick J. Cincuenta años del ICOM. **Museum Internacional**, v. 48, n. 3, p. 47-50, 1996b.

BRANDÃO, José Manuel. International Summer School of Museology (ICOM/UNESCO). **Cadernos de Museologia**, n. 1, p. 72-78, 1993. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/156/13_international_summer_school_of_museology.pdf?sequence=1. Acesso em: 03 jul. 2018.

BRIGOLA, João Carlos Pires. **Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BRIGOLA, João Carlos Pires. **Museologia**. [web log post]. Blog no Mundo dos Museus. Entrevista concedida a Ana Carvalho. Évora, 2013. Disponível em: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5293>. Acesso em: 03 jul. 2018.

BRIGOLA, João Carlos Pires. O actual ensino universitário da Museologia: uma reflexão crítica e uma proposta. **Museologia.pt**, n. 3, p. 13-18, 2009.

BRIGOLA, João Carlos Pires. **Os viajantes e o 'livro dos museus'**. Porto: Chaia & Dafne Editora, 2010.

BRINKMAN, Manus. **Museums Heritage and Cultural Tourism – Closing Speech**.

Secretary General of ICOM. Paris: ICOM, 2000, p. 85-86.

BRULON-SOARES, Bruno César; CARVALHO, Luciana Menezes de; CRUZ, Henrique de Vasconcelos. O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. **90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, p. 242-260. Disponível em: https://www.academia.edu/8889489/O_nascimento_da_Museologia_conflu%C3%Aancias_e_tend%C3%Aancias_do_campo_museol%C3%B3gico_no_Brasil?auto=download. Acesso em: 03 jul. 2018.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus e Museologia: os inevitáveis caminhos entrelaçados. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 25, p. 5-20, 2006. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/419/324>. Acesso em: 03 jul. 2018.

CERÁVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo: um caminho para compreender Museologia**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004a.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. **Anais do Museu Paulista**, v. 12, n. 1, p. 237-268, 2004b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v12n1/19.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.

COSTA, Luciana Ferreira da. **Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias**. 2017. 360 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Ciência). Universidade de Évora, Portugal, 2017. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/21966/1/Doutoramento%20-%20Hist%C3%B3ria%20e%20Filosofia%20da%20Ci%C3%Aancia%20-%20Museologia%20-%20Luciana%20Ferreira%20da%20Costa.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.

COSTA, Luciana Ferreira da. **Usabilidade do Portal de Periódicos da CAPES**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

COSTA, Luciana Ferreira da; BRIGOLA, João Carlos Pires. Hábito cultural de visitar museus: estudo de público sobre o Museu do Homem do Nordeste, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 4, Dossiê n. 1, p. 121-141, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1501/1045>. Acesso em: 03 jul. 2018.

CRUZ, Henrique de Vasconcelos. **Era uma vez, há 60 anos atrás...: o Brasil e a criação do Conselho Internacional de Museus**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus - ICOM-BR, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/3519747/Era_uma_vez_h%C3%A1_60_anos_atr%C3%A1s..._O_Brasil_e_a_cria%C3%A7%C3%A3o_do_Conselho_Internacional_de_Museus?auto=download. Acesso em: 03 jul. 2018.

CURY, Marília Xavier. Museologia - marcos referenciais. **Cadernos do CEOM**, v. 18, n. 21, p. 45-74, 2005. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271/1353>. Acesso em: 06 jul. 2018.

CURY, Marília Xavier. Museologia e conhecimento museológico: uma perspectiva dentre muitas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 5, 2014, Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/10949/7824>. Acesso em: 06 jul. 2018.

DECAROLIS, Nely. ICOFOM LAM 1990-2000. **Cahiers d'études – Comité International de ICOM pour la museologie**, n. 8, p. 14-15, 2000. Disponível em: http://archives.icom.museum/study_series_pdf/8_ICOM-ICOFOM.pdf. Acesso em: 03 jul. 2018.

DESVALÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Armand Colin, 2013. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf. Acesso em: 03 jul. 2018.

DESVALLÉES, André. Pour une terminologie muséologique de base. **Cahiers d'étude/Study Series – Comité International de ICOM pour la museologie**, v. 8, 2000. Disponível em: http://archives.icom.museum/study_series_pdf/8_ICOM-ICOFOM.pdf. Acesso em: 03 jul. 2018.

DEWAILLY, Jean-Michel. Sustainable Tourist Space: from reality to virtual reality? **Tourism Geographies**, v. 1, n. 1, p. 41–55, 1999.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. 2a. ed. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2014.

GIL, Fernando Bragança. Ensino em Museologia: a situação em Portugal. In: EIRÓ, Ana Maria; LOURENÇO, Marta C. (Coords.). **Fernando Bragança Gil**: coletânea de textos sobre museus e museologia. Lisboa: Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 2010.

GONÇALVES, Alexandra Rodrigues. Museus, Turismo e Sociedade – uma reflexão. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 7, Dossiê n. 3, p. 26-67, 2017.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Francisca. Evolución del concepto de museo. **Revista General de Información y Documentación**, v. 2, n. 1, p. 85-97, 1992. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID9292120085A/11902>. Acesso em: 03 jul. 2018.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Francisca. **Manual de museología**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). **Declaration of the**

International Council of Museums (ICOM) and the World Federation of Friends of Museums (WFFM) for worldwide Sustainable Cultural Tourism (December 2007). Paris, 2007a. Disponível em: http://archives.icom.museum/declaration_tourism_eng.html. Acesso em: 06 jun. 2018.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). **Museum definition.** Paris: ICOM, 2007b. Disponível em: <http://icom.museum/who-we-are/the-vision/museum-definition.html>. Acesso em: 03 jul. 2018.

JELÍNEK, Jan. Systematics and systems in museology – an introduction. **MuWoP**, n. 2, p. 69-70, 1981. Disponível em: [http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20\(1981\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20(1981)%20Eng.pdf). Acesso em: 03 jul. 2018.

KÖPTCHE, Luciana Sepúlveda. Sobre museus, públicos e dinâmicas sociais: o caso do Observatório de Museus e Centros Culturais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 10., 2010, Rio de Janeiro. **Livros dos Seminários Internacionais...** Rio de Janeiro: MHN, 2010. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=19696&Pesq>. Acesso em: 03 jul. 2018.

LEMONS, André. **Cibercultura.** Tecnologia e vida social na cultura. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica:** os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.

LOPES, Maria Margaret; MURRIELLO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, número especial, p. 13-30, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/01.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.

LORENTE, Jesús-Pedro. **Manual de historia de la Museología.** Gijón: Ed. Trea, 2012.

LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. (2003). **Museus de arte no ciberespaço:** uma abordagem conceitual. 2003. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2003.

MAGALDI, Monique Batista. **Navegando no Museu Virtual:** um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu. 2010. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2010.

MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum.** Morlanwez, Belgium: Musée Royal de Mariemont, 2005.

MAROEVIĆ, Ivo. **Introduction to museology:** the European approach. München: Verlag Dr. Christian Müller-Straten, 1998.

MENSCH, Peter van. **Museology and management: enemies or friends?** 2004. Disponível em: http://icom-portugal.org/multimedia/File/V%20Jornadas/rwa_publ_pvm_2004_1.pdf. Acesso em: 03 jul. 2018.

MENSCH, Peter van. **Towards a methodology of museology.** 1992. Tese (Doutorado em Museologia) Universidade de Zagreb, Zagreb, 1992. Disponível em: <http://www.emuseum.cz/admin/files/Peter-van-Mensch-disertace.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.

MENSCH, Peter van; MENSCH, Léontine Meijer-van. **New trends in museology.** Celje, Slovenia: Museum of Recent History Celje, 2011.

OBSERVATÓRIO TRANSDISCIPLINAR DE PESQUISAS EM TURISMO (OTPT). **Repercussões.** 2018. Disponível em: <http://www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8770801709410781>. Acesso em: 06 jun. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Introdução ao Turismo.** Madrid: UNWTO, 2001.

POULOT, Dominique. **Museus e Museologia.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

REDE DE PESQUISA E (IN)FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO (REDMUS). **Repercussões.** 2018. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6285275721310405>. Acesso em: 06 jun. 2018.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Cultura material e Museologia: considerações. In: GRANATO, Marcus (Org.). **Museologia e patrimônio.** Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015, p. 17-48.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Reflexões sobre Museus, Turismo, Patrimônio e Sociedade. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 7, Dossiê n. 3, p. 6-25, 2017.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Termos e conceitos da museologia: contribuições para o desenvolvimento da museologia no campo disciplinar. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia N. M. **Mast Colloquia: Documentação em museus**, 2008, p. 202-233. Disponível em: http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_10.pdf. Acesso em: 03 jul. 2018.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. The many faces of ICOM. **ICOM Study Series**, v. 8, n. 2, 2000.

SCHEINER, Tereza Cristina Molleta. **Apolo e Dionísio no templo das musas.** Museu – Gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998. Dissertação (Mestrado em

Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SOFKA, Vinos. ICOFOM symposium 1980 systematics and systems in museology. **MuWoP**, n. 2, p. 67-69, 1981. Disponível em: [http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20\(1981\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20(1981)%20Eng.pdf). Acesso em: 03 jul. 2018.

SOFKA, Vinos. My adventurous life with ICOFOM, Museology, Museologists and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. **ICOFOM Study Series**, p. 1-32, 1995. Disponível em: http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%20HISTORY%201995%20V.%20SOFKA.pdf. Acesso em: 03 jul. 2018.

STUDART, Denise Coelho. **The Perceptions and Behaviour of Children and Families in Child-Orientated Museum Exhibitions**. 2000. Thesis (PhD. in Museum Studies). University College London. London, 2000.

STUDART, Denise Coelho; ALMEIDA, Adriana Mortara; VALENTE, Maria Esther. Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M. E.; LEAL, M. C. (Orgs). **Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Ed. Access, 2003, p. 129-157.

TAVIRA, Vanessa Soares. **Comunicar em Turismo Virtual**. 2014. 105 fl. Dissertação (Mestrado em Turismo e Comunicação). Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Lisboa, 2014.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. Intercessões necessárias: História, Museologia e Museus de Ciência e Tecnologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 5, p. 37-53, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/10948/7823>. Acesso em: 03 jul. 2018.

VALENTE, Maria Esther Alvarez; CAZELLI, Sibebe; ALVES, Fátima. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, número especial, p. 183-203, 2005.

VAQUINHAS, Irene. A Museologia como campo de estudo nas universidades portuguesas: esboço de evolução, pertinência e atualidade. **MIDAS: Museus e Estudos Interdisciplinares**, n. 1, p. 1-18, 2013. Disponível em: <http://midas.revues.org/pdf/142>. Acesso em: 03 jul. 2018.

The scientific status of Museology and its relationship with Tourism through the visitors studies of museum

Abstract

This article aims to describe the interdisciplinary relationships between the area of Museology and the area of Tourism, through visitors studies of museum. In view of the historical-epistemological evolution of Museology, as a scientific discipline and its formative-professional process, the article discusses the tourist activity related to the field of visitors studies of museum in observance of the connection made by museums between the cultural heritage of humanity and its public, especially in the case, visitors tourists. It addresses, in this connection, new paradigms related to cyberculture and mass culture and its influence on museological spaces, tourist activity, cultural heritage and its scientific knowledge. It concludes that the realization of visitors studies of museum in an interdisciplinary way between Museology and Tourism brings advances not only for the expansion of knowledge about professional training and for the research and development of these areas, but also brings social advances for the preservation, appreciation and recognition of the identity, social memory, history and cultural heritage of humanity.

Keywords: *Museology. Visitors studies of museums. Tourism. Heritage.*

Artigo recebido em 03/02/2018. Aceito para publicação em 06/07/2018.